

AGATHA
CHRISTIE

OS TREZE
PROBLEMAS

Tradução de
THOMAZ SCOTT NEWLANDS NETO

EDITORA RECORD

Os Treze Problemas

Agatha Christie

1930

RECORD

Sumário

1. O Clube das Terças-Feiras..... 7
2. A Casa do ídolo de Astartéia.. 20
3. As Barras de Ouro..... 35
4. A Calçada Tinta de Sangue... 48
5. O Móvel do Crime..... 59
6. A Marca do Polegar de São Pedro 73
7. O Gerânio Azul..... 87
8. A Dama de Companhia.....105
9. Os Quatro Suspeitos.....125
10. Tragédia de Natal.....142
11. A Erva da Morte.....162
12. O Caso do Bangalô.....179
13. Morte por Afogamento.....196

1

O Clube das Terças-Feiras

"MISTÉRIOS não resolvidos."

Raymond soltou uma baforada de fumaça e repetiu essas palavras com uma espécie de prazer deliberado e consciente.

"Mistérios não resolvidos."

Olhou satisfeito em derredor. A velha sala, com seu teto apoiado em largas vigas negras, era mobiliada com belas peças antigas, que lhe assentavam bem. Daí o olhar de aprovação de Raymond West. Era escritor de profissão e apreciava as atmosferas impecáveis. A casa de sua tia Jane sempre o agradara como o ambiente adequado à personalidade dela. Raymond olhou para a lareira, que lhe ficava em frente, onde a tia estava sentada, erecta, na grande poltrona de espaldar alto. O vestido de Miss Marple era de brocado preto, muito justo na cintura. Um arranjo de renda Mechlin descia em cascata na parte dianteira do corpinho. Ela usava mitenas de renda preta e tinha à cabeça uma touca, também de renda da mesma cor, sobre as massas sobrepostas de seus cabelos cor de neve. Estava fazendo um tricô de lã branca e macia. Seus olhos azuis, desbotados, indulgentes e bondosos, examinaram com tranqüilo prazer o sobrinho e os convidados dele. Primeiro pousaram no próprio Raymond, que

era deliberadamente afável e, depois, em Joyce Lemprière, a artista, com seus cabelos pretos, cortados rente, e seus estranhos olhos castanho-esverdeados. Em seguida fitaram Sir Henry Clithering, homem de sociedade, muito bem vestido. Havia mais duas pessoas na sala: o Dr. Pender, o idoso clérigo da paróquia, e Mr. Petherick, que era advogado, homenzinho mirrado sempre a olhar por cima dos óculos e não através das lentes. Miss Marple dedicou um breve momento de atenção a todas essas pessoas e voltou ao seu tricô, com um brando sorriso nos lábios.

Mr. Petherick tossiu uma tossezinha seca, que geralmente precedia suas observações.

— O que você disse, Raymond? Mistérios não resolvidos? Ah! De que se trata?

— Não se trata de coisa alguma — declarou Joyce Lemprière. — Raymond simplesmente gosta do som de suas próprias palavras e dele mesmo quando as pronuncia.

Raymond West lançou-lhe um olhar de reprovação. Ela atirou para trás a cabeça e deu uma risada, acrescentando:

— Ele é um impostor, não é mesmo, Miss Marple? A senhora sabe disso, eu tenho certeza.

Miss Marple sorriu com brandura e não deu resposta.

— A própria vida é um mistério não resolvido — afirmou gravemente o pastor.

Raymond endireitou-se em sua cadeira, atirou fora o cigarro num gesto brusco e falou assim:

— Não é isso que eu quero dizer. Não estou me referindo a filosofia. Estou pensando em fatos prosaicos, simples e reais. Em coisas que acontecem e que ninguém explica.

— Eu sei exatamente a que espécie de coisas você se refere, meu querido — disse Miss Marple. — Por exemplo, ontem pela manhã Mrs. Carruthers passou por uma experiência muito estranha. Comprou uns camarões em conserva na mercearia Elliot. Entrou em outras duas lojas, fazendo compras, e, quando chegou em casa, verificou que estava sem os camarões. Voltou às duas lojas onde havia estado, mas os camarões tinham desaparecido completamente. Isso me parece muito extraordinário.

— É um caso muito suspeito — observou Sir Henry Clithering gravemente.

— Sem dúvida toda espécie de explicações são possíveis — continuou Miss Marple, ligeiramente mais corada por causa de sua emoção. — Por exemplo, alguém.. .

— Minha querida tia — interveio Raymond West num tom meio divertido. — Eu não quero me referir a essa espécie de incidentes que acontecem nas vilas. Estou pensando em assassinatos, desaparecimento de pessoas. O tipo de coisa que Sir Henry poderia nos contar horas a fio, se quisesse.

— Mas eu jamais converso sobre assuntos profissionais — afirmou Sir Henry modestamente.

— Não. Eu não falo sobre assuntos profissionais. Até bem pouco tempo Sir Henry havia sido diretor da Scotland Yard.

— Suponho que muitos assassinatos e problemas nunca são solucionados pela polícia — insinuou Joyce Lemprière.

— Creio que isso é um fato que se tem de admitir — declarou Mr. Petherick.

— Eu fico imaginando — comentou Raymond West — que espécie de cérebros realmente têm maior êxito quando se trata de desvendar um mistério. A gente sempre acha que o detetive médio deve sentir-se tolhido por falta de imaginação.

— Esse é o ponto de vista dos leigos — afirmou Sir Henry secamente.

— Você de fato quer que se nomeie uma comissão — declarou Joyce, sorrindo. — Em matéria de psicologia e imaginação, procure-se o escritor...

E curvou-se numa reverência irônica em direção a Raymond, que permaneceu sério.

— A arte de escrever dá uma certa visão da natureza humana — afirmou ele gravemente. — O escritor talvez enxergue motivos que passam despercebidos às pessoas comuns.

— Eu sei, meu caro, que seus livros são muito engenhosos — declarou Miss Marple. — Mas você acha que as criaturas são realmente tão desagradáveis como você as cria?

— Minha querida tia — disse Raymond amavelmente — guarde suas convicções. O céu não me permite que eu as destrua.

— Eu queria dizer — continuou Miss Marple, franzindo levemente a testa, enquanto contava os pontos de seu tricô — que tanta gente me parece não ser boa nem má, mas simplesmente tola.

Mr. Petherick voltou a tossir sua tossezinha seca. — Você não acha, Raymond — disse ele —, que atribui demasiado peso à imaginação? A imaginação é coisa muito perigosa, como nós, advogados, sabemos muito bem. Ser capaz de filtrar todas as evidências, imparcialmente, tomar os fatos e considerá-los como fatos, isso me parece o único método lógico de se chegar à verdade. Eu poderia acrescentar que, em minha experiência, é o único que dá certo.

— Ora! — exclamou Joyce, atirando para trás seus cabelos negros, com um jeito indignado. — Aposto que eu seria capaz de ganhar do senhor nesse jogo. Eu não sou apenas uma mulher. E diga o que quiser, as mulheres possuem uma intuição que falta aos homens. Sou também uma artista. Vejo coisas que o senhor não vê. Além disso, como artista já lidei com pessoas de toda espécie e de todas as condições. Eu conheço a vida como nossa querida Miss Marple, aqui, neste lugar, não tem possibilidade de conhecer.

— Isso eu não sei, minha querida — declarou Miss Marple. — Coisas muito dolorosas e angustiantes às vezes acontecem nas vilas.

— Posso falar? — indagou o Dr. Pender, sorrindo.

— Eu sei que está em moda, hoje em dia, desacreditar o clero. Mas nós ouvimos coisas. Conhecemos um lado do caráter das pessoas que é um livro fechado para o mundo exterior.

— Bem — disse Joyce — tenho a impressão de que somos um grupo bastante representativo. Que tal se nós fundássemos um clube? Que dia da semana é hoje? Terça-feira? Nós o chamaremos o Clube

das Terças-Feiras. Nós nos reuniremos uma vez por semana, e cada sócio do clube terá de propor um problema. Algum mistério que conheça por experiência própria e do qual, naturalmente, saiba a solução. Deixe-me ver, quantos somos aqui? Um, dois, três, quatro, cinco. Deveríamos ser seis.

— Você se esqueceu de mim, querida — disse Miss Marple, abrindo-se num claro sorriso.

Joyce ficou um tanto surpreendida, mas o dissimulou mais que depressa, acrescentando:

— Seria ótimo, Miss Marple. Eu não imaginei que a senhora quisesse participar do jogo.

— Acho que seria muito interessante — afirmou Miss Marple. — Especialmente com tantos homens de talento aqui reunidos. Eu receio não ser inteligente, mas tenho vivido todos esses anos em St. Mary Mead, e isso me dá uma certa compreensão da natureza humana.

— Estou seguro de que sua cooperação será muito valiosa — declarou Sir Henry, cortesmente.

— Quem vai ser o primeiro? — indagou Joyce.

— Acho que não há a menor dúvida quanto a isso — afirmou o Dr. Pender — quando temos a grande sorte de contar com a presença de um homem tão eminente como Sir Henry...

Deixou a frase inacabada, inclinando-se numa amável reverência em direção a Sir Henry.

Este permaneceu em silêncio durante uns dois ou três minutos. Finalmente, suspirou e tornou a cruzar as pernas, começando a falar:

— É um pouco difícil para mim escolher precisamente o tipo de coisa que desejam. Mas acontece que eu julgo conhecer um exemplo que

se enquadra de maneira muito apropriada às nossas condições. Poderão ter lido algumas referências a ele nos jornais, há um ano. Foi posto de lado, naquela ocasião, como mistério não resolvido. Mas a solução do caso veio ter às minhas mãos, não faz muitos dias.

Os fatos são muito simples. Três pessoas sentaram-se à mesa para fazer uma ceia que constou, entre outras coisas, de lagosta em lata. Mais tarde, durante a noite, todas três passaram mal, tendo sido chamado um médico às pressas. Duas dessas pessoas se restabeleceram, mas a terceira morreu.

— Ah! — exclamou Raymond, num tom de aprovação.

— Como eu ia dizendo — prosseguiu Sir Henry — os fatos foram muito simples. A morte dessa pessoa foi atribuída a envenenamento pela ptomaína. Foi lavrado um atestado de óbito nesse sentido, e a vítima foi devidamente sepultada. Mas as coisas não ficaram nisso.

Miss Marple fez um gesto de assentimento com a cabeça, e comentou:

— Suponho que começaram a falar sobre o caso. Isso geralmente acontece.

— Agora eu devo descrever os atores desse pequeno drama — prosseguiu Sir Henry. — Chamarei o marido e a mulher de Mr. e Mrs. Jones, e darei à dama de companhia da mulher o nome de Miss Clark. Mr. Jones era viajante de uma firma de fabricantes de remédios, homem de boa aparência, esfuziante, de maneiras vulgares, de seus cinqüenta anos de idade. Sua esposa era

também bastante vulgar, e teria uns quarenta anos. A dama de companhia, Miss Clark, era mulher de sessenta, corpulenta e alegre, com um rosto jovial e rubicundo. Poderíamos dizer que nenhuma dessas pessoas seria muito interessante. O problema começou de um modo bem curioso. Mr. Jones, na noite anterior ao acidente, estivera num pequeno hotel, em Birmingham. Acontece que o mata-borrão de seu quarto tinha sido renovado naquele dia, e a camareira do hotel, aparentemente por não ter mais o que fazer, divertiu-se em estudar a folha do mata-borrão diante do espelho, logo depois de Mr. Jones ter escrito uma carta. Passados alguns dias, saiu nos jornais uma reportagem sobre a morte de Mrs. Jones, em consequência de haver ingerido lagosta em lata. A camareira contou às colegas de serviço as palavras que decifrara no mata-borrão. Eram as seguintes: *Inteiramente dependente de minha mulher... quando ela estiver morta eu irei... centenas e milhares...*

— Talvez vocês se lembrem de que houve recentemente o caso de uma mulher envenenada pelo marido. Pouca coisa bastou para inflamar a imaginação daquelas empregadas: Mr. Jones planejava matar a esposa e herdar centenas de milhares de libras! Acontece que uma delas tinha parentes que moravam na pequena cidade onde residiam os Jones. Escreveu a eles, que lhe responderam a carta. Parece que Mr. Jones se mostrara interessado na filha do médico do lugar, uma bonita mulher de trinta e três anos. O escândalo começou a espalhar-se à boca pequena.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

